

A MONOTONGAÇÃO DO DITONGO /EJ/ NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA: UM ESTUDO VARIACIONISTA¹

Aluiza Alves de Araújo²
Maria Lidiane de Sousa Pereira³
Marcus Rodney Portela Cysne⁴

RESUMO

A partir de uma amostra de linguagem falada composta por 54 informantes do Projeto NORPOFOR, abordamos a monotongação do ditongo /ej/ no falar de Fortaleza - CE. Intentamos observar quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos condicionam a monotongação. Como aporte teórico-metodológico, adotamos a Sociolinguística Variacionista. Constatamos que, num total de 1.491 dados, 1.020 (68%) favorecem a monotongação de /ej/, enquanto 471 (32%) das ocorrências mantêm o ditongo. Além disso, os resultados indicam que a monotongação de /ej/ é favorecida, nessa ordem de importância, por fatores linguísticos e extralinguísticos: *classe de palavras* (nomes), *extensão do vocábulo* (dissílabas), *tonicidade* (tônica) e *escolaridade* (0-4 anos).

Palavras-chave: Monotongação, sociolinguística variacionista, falar de Fortaleza.

Introdução

A ideia de que as línguas figuram como meio de interação sociocomunicativa entre os sujeitos ganhou espaço no cenário dos estudos da linguagem a partir, principalmente, da década de 1960. Nesse período, surgiram diversas áreas do conhecimento interessadas em observar as línguas naturais “não apenas ou tão somente pelo tipo de sistema que ela é, mas pelo modo através do qual ela se relaciona com seus exteriores teóricos, com o mundo externo, com as

¹ Este trabalho é parte da dissertação de Cysne (2016), defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará e contou com o apoio financeiro da Fundação Cearense ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Professora doutora do curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará. Atua na área de Letras com ênfase em Sociolinguística Variacionista. Email: aluizazinha@hotmail.com.

³ Mestre e doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa, Linguística e Sociolinguística Variacionista. Email: lidiane_lidiarock@hotmail.com.

⁴ Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Professor Assistente do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte FALA/UERN. Atua na área de Letras com ênfase em Língua estrangeira (Inglês) e Sociolinguística. Email: maruscysne@hotmail.com.

condições múltiplas e heterogêneas de sua constituição e funcionamento” (MORATO, 2011, p.312).

Dentre os campos de estudos que compreendem a linguagem como forma de interação sociocomunicativa, destacamos a Sociolinguística Variacionista (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008). Para essa área de estudos, a ideia de que as línguas promovem a interação entre as pessoas e que as inúmeras formas de interação pela linguagem são essencialmente heterogêneas, leva ao reconhecimento de que a heterogeneidade é uma das propriedades mais marcantes das línguas naturais. Assim, é comum encontrarmos, na grande maioria das vezes, duas ou mais formas diferentes, ou variantes, para dizer a mesma coisa do ponto de vista referencial (TARALLO, 2007; LABOV, 2008).

Um exemplo disso é o uso das variantes ‘beijo’ ~ ‘bejo’, ‘deixe’ ~ ‘dexe’, para o fenômeno de monotongação do ditongo /ej/, já estudado em diversas variedades do português brasileiro (ARAÚJO, 2000; LOPES, 2002; AMARAL, 2005; ARAÚJO; PEREIRA; ALMEIDA, 2017). Em linhas gerais, esse fenômeno de variação consiste na queda/apagamento⁵ da semivogal /j/ no ditongo /ej/. Contudo, a supressão da semivogal no referido ditongo, por sua vez, não compromete, em instancia alguma, o valor semântico dos vocábulos.

A partir disso, assumimos que a possibilidade de usar a variante com ou sem a semivogal não é aleatória. Na verdade, acreditamos que as variantes linguísticas são condicionadas por um delicado jogo de interação entre fatores de ordem linguística e/ou extralinguística que influenciam o uso de uma ou outra forma variante (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008). Trata-se, pois, do que Labov (2008) chama de heterogeneidade ordenada, sistemática.

Amparados nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), investigamos, neste trabalho, o fenômeno de monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza – CE. Nosso objetivo é observar verificar qual a forma variante mais frequente na amostra de fala usada nesta pesquisa, bem como quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos⁶ condicionam o uso da variante que apresenta a supressão da semivogal /j/ no ditongo /ej/. Sobre a amostra de linguagem em uso que alimenta este trabalho, pontuamos que ela é composta por 54 entrevistas sociolinguísticas do tipo Diálogo Entre Informante e Documentador (doravante DID) extraídas

⁵ Neste estudo, os termos ‘supressão’, ‘apagamento’ e ‘queda’ são usados como sinônimos.

⁶ Na seção dos Procedimentos metodológicos, apresentamos os grupos de fatores ou variáveis linguísticas e extralinguísticas testadas na pesquisa.

do acervo sonoro do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR)⁷.

Para a observação da monotongação de /ej/ com dados do NORPOFOR, levantamos inicialmente, as seguintes hipóteses:

- (i) A variante monotongada tende a acontecer com maior frequência do que a variante em que a semivogal é preservada;
- (ii) A monotongação de /ej/ é condicionada tanto por variáveis linguísticas como extralinguísticas;
- (iii) Dentre as variáveis linguísticas, acreditamos que os *contextos fonéticos anterior e posterior* (tepe), a *extensão do vocábulo* (trissílabas e polissílabas), a *classe de palavras* (verbos e não verbos), a *tonicidade da sílaba* (sílabas tônicas) e a *natureza morfológica* (radical) favorecem o uso da variante monotongada;
- (iv) Para as variáveis extralinguísticas, esperamos que a *escolarização* (0-4 anos); *faixa etária* (15-25 anos) e o *sexo* (homens) condicionem a queda da semivogal /j/ no ditongo /ej/.

A fim de facilitar a abordagem e distribuição dos conteúdos, este trabalho é composto pelas seguintes seções: (i) **introdução**: parte do artigo em que apresentamos o fenômeno em análise, o aporte teórico e as hipóteses iniciais; (ii) **a monotongação do ditongo /ej/ na perspectiva variacionista**: seção na qual realizamos um breve panorama acerca da observação do fenômeno em estudo com base em outras pesquisas variacionistas; (iii) **Procedimentos Metodológicos**: ponto do texto em que delineamos os principais procedimentos metodológicos da pesquisa; (iv) **Resultados**: aqui, apresentamos e discutimos os principais achados desta pesquisa e (v) **Considerações finais**: na última parte do trabalho, tecemos algumas breves considerações acerca dos resultados obtidos com este estudo.

A Monotongação do ditongo /ej/ na perspectiva variacionista⁸

⁷ Na seção dos Procedimentos metodológicos, tornamos a abordar a amostra de linguagem em uso, bem como o Projeto NORPOFOR.

⁸ Tendo em vista o grande número de estudos sobre a monotongação do ditongo /ej/, no falar brasileiro, já realizados nos moldes da teoria variacionista, bem como a impossibilidade de abordar todos aqui, os trabalhos que discutimos, nesta seção, foram selecionados basicamente por meio de dois critérios: (i) demos preferência aos estudos desenvolvidos a partir da década de 2000; (ii) optamos por resenhar apenas estudos que, assim como nesta

Araújo (2000) analisou a monotongação dos ditongos /ej/ nos dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT. As entrevistas ocorreram no período de agosto de 1993 a setembro de 1995. Nessa pesquisa, foi utilizada uma amostra constituída por 74 informantes. Das 2.181 ocorrências para /ej/, 1.476 aparecem monotongadas, o que equivale a 68% de aplicação da regra. Foram testadas as variáveis linguísticas: *contexto fonético posterior*, *contexto fonético anterior*, *dimensão da palavra*, *tonicidade da sílaba*, *natureza morfológica do ditongo* e extralinguísticas: *sexo* (homens e mulheres), *faixa-etária* (22 a 35 anos), (36 a 50 anos) e (51 anos em diante), e *tipo de registro* (DID - Diálogos entre Informante e Documentador, D2 - Diálogo entre Dois Informantes e EF - Elocução Formal). Desses fatores, os que se revelaram estatisticamente relevantes para a monotongação de /ej/ foram, nessa mesma ordem de importância: *contexto fonético posterior* (a fricativa palatal e o tepe), *natureza morfológica do ditongo* (morfema lexical e morfema derivacional), *tonicidade da sílaba* (sílabas tônicas), *dimensão da palavra* (dissílabos, trissílabos e polissílabos), *tipo de registro* (DID e D2), isto é, que possuem o menor grau de formalidade e, por último, o *sexo* (homens).

Já Lopes (2002) investigou a realização do ditongo /ej/ no português falado na cidade de Altamira-PA. Sua amostra de fala foi retirada do banco de dados do Projeto ALIPA (Atlas Geo-Sociolinguístico do Estado do Pará), sendo constituída por 40 informantes, estratificados socialmente de acordo com as variáveis: *idade* (15-25 anos, 26-45 anos e 46-70 anos) *sexo*, *nível de escolarização* (não escolarizado, ensino fundamental e ensino médio) e *renda* (baixa e média). Num total de 1.456 de dados coletados, 46% apresentam o ditongo /ej/, enquanto que 54% correspondem à redução da semivogal.

Das variáveis linguísticas testadas (*classe morfológica do vocábulo em que ocorre o ditongo*, *posição do ditongo no vocábulo*, *natureza morfológica*, *tonicidade*, *contexto fonético seguinte*, *contexto fonético precedente*, *tipo de vocábulo* e *status fonológico do ditongo*) e extralinguísticas (*sexo*, *idade*, *escolaridade* e *renda*), foram relevantes para a monotongação de /ej/ e, nessa ordem de importância: o *contexto fonético seguinte* (redução categórica diante de tepe e favorecimento diante das fricativas palato-alveolares desvozeada e vozeada), a

pesquisa, trabalharam com grandes bancos de dados sociolinguísticos. Pontuamos que a consideração dos estudos comentados, ainda que muito brevemente, se faz necessária tendo em vista que nos amparamos nos resultados obtidos neles para a seleção das variáveis linguísticas e extralinguísticas assim como para a elaboração das hipóteses testadas nesta pesquisa. Além disso, tais estudos nos permitem observar como o fenômeno de variação de monotongação do ditongo /ej/ realiza-se em outras variedades do português brasileiro e nos permite estabelecer um diálogo, na medida do possível, entre os resultados obtidos por outros pesquisadores e as descobertas feitas por nós.

Revista de Letras Norte@mentos

localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra (radical), a *natureza da origem do vocábulo* (palavras ‘comuns’) e a *escolaridade* (menos escolarizados).

Amaral (2005), por sua vez, abordou a redução do ditongo /ej/ em três municípios do Rio Grande do Sul (São Borja, Panambi e Flores da Cunha) utilizando dados da fala de 42 informantes do projeto VARSUL. As variáveis linguísticas controladas foram: *classe de palavras*, *contexto fonético seguinte*, *posição do ditongo e tonicidade*. As de natureza extralinguísticas foram: *faixa etária* (menos de 50 anos e mais de 50 anos), *grupo geográfico* (Flores da Cunha, Panambi e São Borja), *etnias diferentes* (sendo a primeira cidade de colonização italiana, a segunda de colonização alemã e a última é uma cidade fronteira com a Argentina, razões pelas quais foram selecionadas) e a *escolaridade* (primário, ginásio e 2º grau). No referido estudo, são apontadas, nessa mesma ordem, como relevantes para a redução da semivogal no ditongo /ej/ as seguintes variáveis: *contexto fonológico seguinte* (fricativa palatoalveolar e o tepe), *tonicidade* (sílabas átonas) e *classe de palavra* (formas não verbais). A única variável extralinguística selecionada como relevante foi a *faixa etária* (menos de 50 anos), que indicou os mais jovens como aliados da regra, em oposição aos mais velhos (mais de 50 anos).

Outro estudo representativo sobre o fenômeno em pauta e do qual temos notícia é o de Araújo, Pereira e Almeida (2017). Aqui, as estudosas analisaram a monotongação de /ej/ em sete capitais brasileiras, a saber: Cuiabá, Goiânia e Campo Grande, na região Centro-Oeste e São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte, na região Sudeste. Os dados do referido estudo foram extraídos da fala de 56 informantes disponíveis no Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). Os informantes selecionados para a pesquisa foram devidamente estratificados de acordo com o *sexo* (homens e mulheres), a *faixa etária* (I – 18 a 30 anos e II – 45 a 60), a *escolaridade* (até a 8ª série do ensino fundamental e Ensino superior completo) e a *localidade* (Região Centro-Oeste e Sudeste). Ressaltamos que Araújo, Pereira e Almeida (2017) testaram apenas a atuação dos referidos fatores extralinguísticos sobre a queda de /ej/. Dentre os resultados alcançados por Araújo, Pereira e Almeida (2017), pontuamos que foram realizadas três rodadas: a primeira contemplou todas as capitais selecionadas para as regiões Centro-Oeste e Sudeste; a segunda rodada, no entanto, observou a monotongação de /ej/ apenas nos dados da região Centro-Oeste; na terceira e última rodada, por sua vez, as autoras observaram apenas os dados da região Sudeste.

Na primeira rodada, as estudosas trabalharam com um total de 719 ocorrências do fenômeno investigado. Desse total, 302 (42%) apresentam a supressão da semivogal no ditongo /ej/, enquanto que em 417 (58%) a sua manutenção. Esses resultados indicam, portanto, que

quanto agrupadas as capitais das regiões Centro-oeste e Sudeste, a monotongação de /ej/ acontece com menor frequência. De igual modo, foram apontados como relevantes para a monotongação de /ej/ na rodada 1 do estudo de Araújo, Pereira e Almeida (2017) e nesse ordem de importância os seguintes fatores: *escolaridade* (até o 8º ano do fundamental), *sexo* (homens) e *localidade* (capitais do Centro-Oeste). Para a segunda rodada (apenas para as capital do Centro-Oeste), Araújo, Pereira e Almeida (2017) contaram com 302 ocorrências de /ej/. Desse total, 141 (46,7%) apresentavam a variante monotongada. Como relevantes para o uso da referida variante foram apontadas, apenas a *escolaridade* (8ª ano do ensino fundamental) foi selecionada. Na terceira e última rodada (apenas as capitais do Sudeste) da pesquisa em foco, as autoras observaram um total de 520 ocorrências do ditongo /ej/. Desse número, 213 (41%) apresentam a queda da semivogal. Em contrapartida, 307 (59%) referem-se a sua manutenção. Nessa última rodada, apenas o *sexo* (*homens*) foi selecionada como relevante para a monotongação de /ej/.

A breve consideração dos estudos de Araújo (2000), Lopes (2002), Amaral (2005) e Araújo, Pereira e Almeida (2017) nos ofereceu um interessante panorama acerca da realização variável do ditongo /ej/ em diferentes e significativos *corpora* (PORCUFORT, ALIPA, VARSUL e ALIB) de linguagem falada e representativos de diferentes localidades do Brasil. Sobre o comportamento das variantes investigadas, percebemos que, com exceção do estudo de Araújo, Pereira e Almeida (2017) com dados do ALIB, o uso da variante monotongada tende a ser maior do que a variante que apresenta a manutenção da semivogal.

No que tange à influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a monotongação de /ej/, percebemos que dentre os primeiros os que mais se destacam são: *contexto fonético posterior*, *natureza morfológica do ditongo*, *tonicidade da sílaba*, *dimensão da palavra*, *contexto fonético seguinte*, *localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra*, *natureza da origem do vocábulo* e classe de palavras. Já dentre os fatores extralinguísticos, vimos que a *faixa etária*, *escolaridade*, *localidade*, *sexo* e o *tipo de inquérito* são pertinentes para a monotongação da semivogal no ditongo /ej/ nas pesquisas comentadas brevemente por nós.

Procedimentos metodológicos

O corpus e a amostra

Para esta pesquisa, adotamos como fonte dos dados de linguagem em uso, o Projeto NORPOFOR. Elaborado com o intuito de disponibilizar um material representativo da

variedade popular dos fortalezenses (ARAÚJO, 2011), o NORPOFOR foi construído entre os anos de 2003 a 2006 com base nos moldes da Sociolinguística Variacionista e figura hoje como um dos mais significativos bancos de dados da referida variedade de fala, além de ser o mais atual do qual temos notícia.

A partir de um recorte no quadro geral dos informantes que compõem o NORPOFOR – 198, ao todo – construímos a amostra de fala usada, neste trabalho, a qual, por sua vez, é composta por 54 informantes alocados nos inquéritos do tipo DID, sendo 27 homens e 27 mulheres - 18 para cada faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 em diante) e 18 para cada nível de escolaridade (0 - 4; 5 - 8 e 9 -11 anos), conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Distribuição e estratificação social dos informantes deste trabalho

		Sexo					
		Masculino			Feminino		
		Escolaridade	(0-4)	(5-8)	(9-11)	(0-4)	(5-8)
Faixa Etária	15 a 25 anos	3	3	3	3	3	3
	26 a 49 anos	3	3	3	3	3	3
	a partir de 50 anos	3	3	3	3	3	3

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Araújo (2011).

O balanceamento na distribuição dos informantes por célula é de grande relevância para a pesquisa variacionista (GUY; ZILLES, 2007). Por isso, decidimos analisar a variação do ditongo /ej/ em um *corpus* composto por uma grande quantidade de informantes e que, na variedade do falar popular de Fortaleza, possui a distribuição de informantes por célula com melhor equilíbrio. O perfil dos informantes de nossa amostra é o mesmo adotado para o projeto NORPOFOR, ou seja, trata-se de:

[...] fortalezenses natos ou que vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos e possuem residência fixa na capital, sendo todos esses critérios adotados para que não houvesse a interferência dos falares de outras regiões (ARAÚJO, 2011, p.5).

Variável dependente

A variável dependente deste estudo é, conforme assinalamos logo de início, a realização variável do ditongo /ej/. Assim, temos como variantes:

- a) monotongação da semivogal, como em ‘dexe*i*’ (NORPOFOR, DID 70).
 b) manutenção da semivogal, como em ‘primeiro’ (NORPOFOR, DID 70).

Variáveis independentes

Ao todo, controlamos nove variáveis independentes tanto de natureza linguística como extralinguística. As primeiras são:

A) Contexto fonético seguinte:

-[p]* ⁹	-[l]*
-[b]*	-[n] – reino (NORPOFOR, DID 11).
-[m] – queimadas (NORPOFOR, DID 70).	-[k] – veiculados (NORPOFOR, DID 87).
-[t] – ajeitar (NORPOFOR, DID 70).	- [l] *
-[d]*	-[ʒ] – beijo (NORPOFOR, DID 70).
-[f]*	-[r] – primeiro (NORPOFOR, DID 70).
-[v] – seiva (NORPOFOR, DID 11).	-[ʃ] – deixei (NORPOFOR, DID 70).
-[s] – dezesseis (NORPOFOR, DID 11).	-[h]
-[z]*	

B) Contexto fonético precedente:

-[p] – respeitava (NORPOFOR, DID 70).	-[l] – leitura (NORPOFOR, DID 70).
-[b] – beijo (NORPOFOR, DID 70).	-[n] – janeiro (NORPOFOR, DID 95).
-[m] – primeiro (NORPOFOR, DID 70).	-[k] – queimadas (NORPOFOR, DID 70).
-[t] – teimando (NORPOFOR, DID 87).	-[g] – noqueira (NORPOFOR, DID 26).
-[d] – deixei (NORPOFOR, DID 70).	-[ʒ] – ajeitar (NORPOFOR, DID 70).
-[f] – feira (NORPOFOR, DID 70).	-[r] – direitinho (NORPOFOR, DID 70).
-[v] –veiculados (NORPOFOR, DID 87).	-[ʃ] – cheinha (NORPOFOR, DID 70).
-[s] – seis (NORPOFOR, DID 70).	-[h] – barreiras (NORPOFOR, DID 87).
-[z] – azeite (NORPOFOR, DID 11).	-[ɲ] – banheiro (NORPOFOR, DID 70).

C) Tonicidade da sílaba:

⁹ O símbolo * indica a ausência de ocorrência do contexto em nossa amostra.

- tônica (jeito) – (NORPOFOR, DID. 65).
- átona (queimar) – (NORPOFOR, DID 45).

D) *Extensão do vocábulo:*

- monossílabo (seis) – (NORPOFOR, DID. 95).
- dissílabo (queijo) – (NORPOFOR, DID. 16).
- trissílabo (primera) – (NORPOFOR, DID. 95).
- polissílabo (ajeitando) – (NORPOFOR, DID. 148).

E) *Natureza morfológica:*

- radical (seis) – (NORPOFOR, DID. 95).
- sufixo (coqueiro) – (NORPOFOR, DID. 95).

F) *Classe de palavras:*

- nomes (madeira) – (NORPOFOR, DID. 75).
- verbos (deixa) – (NORPOFOR, DID. 65).
- numerais (primeiro) - (NORPOFOR, DID 16).
- advérbios (primeiramente) - (NORPOFOR, DID. 26).

No que se refere aos critérios adotados para a escolha das variáveis linguísticas testadas, pontuamos que as adotamos tomando como base sua relevância em outros estudos variacionistas.

Já as variáveis de natureza extralinguística, são, conforme já mencionamos:

Sexo:

- Homens;
- Mulheres.

Escolaridade:

- 0-4 anos;
- 5-8 anos;
- 9-11 anos.

Faixa etária:

- 15-25 anos;
- 26-49 anos;
- 50 anos ou mais.

Sobre a seleção das variáveis extralinguísticas, pontuamos que elas foram adotadas conforme a estratificação social dos informantes para a construção do NORPOFOR, destacando apenas a diferença entre os tipos de inquérito.

A respeito desse último ponto, ressaltamos que além dos inquéritos do tipo DID, os informantes do NORPOFOR estão estratificados conforme outros dois tipos de inquérito, a saber, Diálogo Entre 2 Informantes (D2) e Elocução Formal (EF). Cada um desses tipos de inquérito compreende um tipo de comportamento linguístico do falante que varia de acordo com o grau de formalidade. Sobre esse ponto, Araújo (2011, p.842) explica:

O primeiro [DID] apresenta um nível intermediário de formalidade, já que, em geral, não havia intimidade entre informante e documentador; o segundo, o D2, é o menos formal de todos, já que, neste tipo de inquérito, os informantes, necessariamente, são familiares ou amigos; e, finalmente, o terceiro, o EF, apresenta o maior nível de formalidade, em razão deste tipo de inquérito ocorrer em ambientes formais e o tema apresentar certo grau de planejamento.

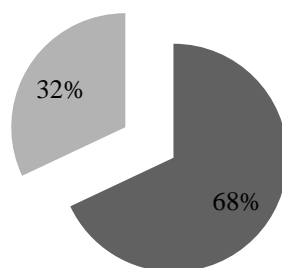
Com isso, vemos que, neste trabalho, adotamos o tipo de inquérito que apresenta um grau intermediário de formalidade. A opção de trabalhar apenas com os inquéritos do tipo DID justifica-se pela qualidade dos áudios dos inquéritos, fator de grande relevância já que trabalhos com um fenômeno de variação de natureza fonético-fonológica. Além disso, o curto tempo do qual dispomos para a realização desta pesquisa nos levou a optar por trabalhar apenas com um tipo de inquérito. Compreendemos que esse fato abre espaço para a realização de estudos futuros por meio dos quais poderemos observar, dentre outras coisas, a possível influência dos diferentes tipos de inquéritos (EF e D2) sobre a monotongação de /ej/, bem como o comportamento desse fenômeno em outros tipos de inquérito (D2 e/ou EF) de modo mais específico.

Resultados

Em um total de 1.491 dados, o Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) mostrou que 1.020 (68%) das ocorrências favorecem a monotongação de /ej/, enquanto 471 (32%) mantêm o ditongo, conforme o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Frequência de uso das variantes investigadas

■ Monotongação do ditongo /ej/ ■ Manutenção do ditongo /ej/



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados do Gráfico 1 revelam, portanto, a predominância do uso da monotongação da semivogal em detrimento de sua manutenção no ditongo /ej/, na amostra deste trabalho. O resultado para o uso das variantes investigadas confirma a primeira de nossas hipóteses. Afinal, inicialmente, esperávamos que a variante com a supressão da semivogal no ditongo /ej/ predominasse, na amostra deste trabalho. A esse respeito, é interessante mencionar que essa hipótese inicial sustentava-se em duas questões básicas.

Primeiro, ao observarmos os resultados obtidos por Araújo (2000), Lopes (2002) e Amaral (2005), realizados a partir de outras variedades de fala do português brasileiro, constatamos a tendência do predomínio da variante monotongada em diferentes amostras de fala. Fato que nos levou a postular que, também neste estudo, a variante monotongada apresentaria uma maior frequência de uso. Em segundo lugar, sabemos que a variante monotongada é uma forma não padronizada¹⁰, fato que nos levou a crer que, por trabalharmos com uma amostra de fala tida como popular, a variante monotongada poderia ocorrer com maior frequência. Essa ideia apoia-se no fato de variedades compreendidas como populares têm se

¹⁰ Denominamos de variantes não padrão as formas linguísticas que não são contempladas pelas gramáticas normativas (CAMACHO, 2013).

mostrado mais sensíveis ao uso de formas não padronizadas (LUCHESSI; BAXTER: RIBEIRO, 2009; VIEIRA; BRANDÃO; GOMES, 2015).

Além de indicar quais as tendências de uso das variantes estudadas na amostra deste estudo, o Goldvarb X também apontou, por ordem de relevância, os fatores linguísticos e extralinguísticos importantes para a monotongação do ditongo /ej/, no universo desta pesquisa. Assim, foram selecionadas como estatisticamente relevantes, e nessa mesma ordem de importância, as variáveis *classe de palavras*, *extensão do vocábulo*, *tonicidade* e *escolaridade*.

Importante colocar que, para este estudo, o melhor nível de análise escolhido pelo programa estatístico foi o *step up* 19, que indicou o *input* 0.710. O valor do *input* expresso aqui pode ser considerado realista, portanto, é um valor confiável. Isso significa dizer, grosso modo, que os dados obtidos não foram camuflados pelos percentuais fornecidos. Após essas considerações, apresentamos, conforme a ordem de seleção do GoldvarbX, os resultados obtidos para cada uma das variáveis selecionadas.

Classe de palavras

A variável *classe de palavras* foi apontada como primeiro grupo favorecedor da monotongação de /ej/, revelando o fator *nomes* (0.545) como aliado da regra de monotongação. Por outro lado, foram apontados como desfavorecedores da regra os *numerais* (0.494) e *verbos* (0.350), conforme a Tabela 1.

Tabela 1- Atuação da variável classe de palavras

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Nomes	724/969	74.7	0.545
Numerais	154/240	64.2	0.494
Verbos	134/234	48.9	0.350

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ressaltamos que os resultados encontrados para a variável classe de palavras, aproximam-se dos resultados obtidos para essa mesma variável nos estudos de Amaral (2005) e Toledo (2011), que também indicam os *não verbos* e *não numerais* como relevante para a redução do ditongo /ej/, enquanto os *nomes* tendem a atuar como fatores aliados da regra de monotongação.

Esse resultado decorre, inicialmente, do fato de os nomes serem uma classe maior do que outras, como numerais e advérbios. Acreditamos que os verbos não foram selecionados porque o ditongo em análise está protegido pelo padrão silábico consoante-vogal-consoante (CVC). Portanto, em verbos como *sei*, *deixei*, *trabalhei*, o ditongo está em posição final, ou seja, a sua manutenção é categórica e, assim, não fazem parte do escopo desta análise. Além disso, a quantidade de verbos é quatro vezes menor do que a dos nomes, talvez por isso o programa não tenha selecionado o fator ‘verbos’ como favorecedor da monotongação.

Ainda sobre a seleção da variável classe de palavras, destacamos que os resultados obtidos para esse grupo de fatores confirmam, em parte, nossas hipóteses iniciais. Afinal, esperamos, antes de qualquer coisa, que essa variável fosse selecionada como estatisticamente pertinente o que, de fato, aconteceu. Por outro lado, esperávamos também que os verbos também favorecessem o uso da variante monotongada, pressuposição esta que foi refutada pelos dados.

Extensão do vocábulo

O segundo grupo de fatores relevante foi a *extensão do vocábulo* que mostrou o fator *dissílabas* (0,548) como aliado da regra, confirmando o que Coelho e Naumann (1994), Paiva (1996), Araújo (2000), Farias e Oliveira (2003) e Farias (2004) constataram em seus estudos. Não podemos dizer, entretanto, o mesmo dito por eles, ou seja, que à medida que o vocábulo aumenta o seu tamanho, ocorre mais a monotongação, pois o Goldvarb X não selecionou outro fator desse grupo como *trissílabas* (0.499) ou *polissílabas* (0.448), cujos pesos foram inferiores do que (.50) (GUY; ZILLES, 2007). Essa situação descarta como relevantes, portanto, os dois fatores em relação ao condicionamento da variante monotongada. Verificamos, também, na Tabela 2, que não há um escalonamento dos fatores para que se possa fazer alguma relação entre eles.

Tabela 2 – Atuação da variável extensão do vocábulo

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Dissílaba	221/314	70.4	0.548
Trissílaba	622/843	74.8	0.499
Polissílaba	177/270	65.6	0.448

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como vemos, os resultados expostos na Tabela 2 não incluem os *monossílabos*. Isso porque, esse fator foi controlado na análise inicial e se mostrou categórico (nocaute),

exprimindo 100% de frequência para manutenção do ditongo. Portanto, este fator não foi selecionado, por serem vocábulos sujeitos a menores possibilidades de supressão, já que a perda de segmentos fônicos nestas palavras pode acarretar mais facilmente o aparecimento de homonímias (PAIVA, 1996).

Além dos monossílabos, os *trissílabos* (prim[e]ro: (DID. 65); terc[e]ro (DID. 45)) e os *polissílabos* (quebrad[e]ra (DID.95); gelad[e]ra (DID.16)) também não se mostraram favorecedores do fenômeno em estudo, pelo fato da maior frequência do tepe no contexto fonético seguinte em vocábulos mais longos, como os numerais trissílabos. Indicamos duas ocorrências do fator *dissílabas* (qu[e]jo (DID.16) e f[e]ra (DID.65)) que, na melhor análise, desprezados os grupos de fatores *contextos fonético seguinte* e *contexto precedente*, revelaram os vocábulos da classe *nomes dissílabos*, somente eles, como favorecedores da monotongação, no referido grupo de fatores.

A seleção da variável *extensão do vocábulo*, novamente, confirma em parte nossas hipóteses iniciais. Isso se deu porque, conforme pontuamos na introdução deste artigo, esperávamos que essa variável fosse selecionada pelo Goldvarb X, mostrando-se, assim, pertinente para o fenômeno de monotongação do ditongo /ej/, neste estudo. Essa hipótese realmente foi confirmada, como temos mostrado. No entanto, acreditávamos que os vocábulos *trissílabos* e *polissílabos* se mostrariam pertinentes, ideia que não se confirmou. Em sentido oposto, foram os vocábulos *dissílabos* que atuaram de modo favorável para o emprego da variante monotongada, conforme mostramos nos resultados da Tabela 2.

Tonicidade

A variável *tonicidade* revelou-se como quarto grupo relevante para a monotongação de /ej/ na melhor rodada deste estudo. O controle desse grupo de fatores indicou, portanto, as *sílabas tônicas* (0.522) como favoráveis para a regra em estudo. Em contrapartida, o fator *sílaba átona* (0.338) atuou de modo a inibir o uso da variante monotongada, como evidenciado na Tabela 3.

Tabela 3 - Atuação da variável tonicidade

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Tônica	872/1188	73.4	0.522
Átona	148/303	48.8	0.338

Fonte: Elaborado pelos autores.

O comportamento do fator *sílaba tônica* converge para os resultados de Araújo (1999), Araújo (2000) e Carvalho (2007). Esse fator denota condutas distintas em outros estudos

observados por nós, ainda que não comentados como Meneghini (1983), Silva (2004). Ao contrário dos nossos resultados, os achados do referidos estudiosos apontaram as *sílabas átonas* como as que mais favorecem o uso da monotongação de /ej/. Já Paiva (1996) e Cabreira (1996) assinalam que a tonicidade não foi fator relevante em seus estudos.

Assim sendo, o resultado sobre a tonicidade, nesta pesquisa, contraria o que Câmara Jr. (1997) nos ensina sobre o assunto: quando o estudioso estabelece um correlato físico para a monotongação se realiza, explica que a tonicidade é intensiva e, portanto, as *sílabas tônicas* são expiradas com maior força do que as *átonas*, fazendo com que a perda do segmento seja mais comum em sílabas átonas.

Sobre a seleção da variável *tonicidade* e as hipóteses iniciais, ressaltamos que os resultados obtidos confirmam totalmente nossas expectativas para o comportamento dessa variável na amostra deste trabalho. Isso porque, esperávamos, antes de tudo, que a tonicidade fosse selecionada como estatisticamente relevante, fato que se confirmou. Esperávamos também que as *sílabas tônicas* beneficiassem o uso da variante monotongada, hipótese essa que também foi confirmada por nossos dados.

Escolaridade

A escolaridade foi a quarta variável eleita pelo programa estatístico como relevante para a monotongação de /ej/. Verificamos, na Tabela 4, que a menor escolaridade, ou seja, a de *0-4 anos de estudo* (0.558) se mostrou ser a única favorecedora da regra. Esse fator também se manifestou como favorável à monotongação nos estudos de Coelho e Naumann (1994), Cabreira (1996), Lopes (2002), Silva (2004), Araújo (2013) e Araújo, Pereira e Almeida (2017). Vejamos, na Tabela 4, os resultados obtidos para todos os níveis de escolaridade controlados.

Tabela 4 - Atuação da variável escolaridade

Fatores	Aplicações/Total	%	Peso Relativo
0-4 anos	336/463	72.6	0.558
5-8 anos	344/520	66.2	0.469
9-11 anos	340/508	66.9	0.479

Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com esses resultados, o apagamento da semivogal no ditongo /ej/ é favorecido no comportamento dos informantes com nível de escolaridade entre *0-4 anos*, fato indicador de que, quanto menos exposto aos padrões impostos pela tradição escolar, à pressão maior é a possibilidade de os falantes usarem a forma monotongada, já que ela não é objeto de ensino nos grandes bancos escolares. Para os outros níveis de escolaridade, isto é, *5-9* e *9-11*,

os pesos relativos foram (0.469) e (0.479), respectivamente, demonstrando que esses são fatores desfavorecedores da regra.

A seleção da variável escolaridade como relevante para a monotongação de /ej/, na amostra deste trabalho, novamente confirma uma das nossas hipóteses iniciais. Afinal, esperávamos que a variável fosse selecionada como estatisticamente relevante e, além disso, apontasse os informantes com menos escolaridade como os favorecedores da variante em que verificamos a supressão da semivogal.

Essa proposição foi amparada, desde o início, pelo fato de que, ao observarmos outros estudos do fenômeno de monotongação do ditongo /ej/, percebemos a relevância da escolaridade para esse fenômeno de variação, conforme mostrado em Lopes (2002) e Araújo, Pereira e Almeida (2017). A tendência observada por esses estudiosos, mostrava que quanto menor escolaridade possuir os falantes, maiores as chances de eles usarem a variante monotongada, pois, conforme nos referimos anteriormente, essa é uma variante que não é trabalhada pela escola.

Ao refletirem sobre a atuação de menores níveis de escolaridade sobre o uso da forma monotongada, Araújo, Pereira e Almeida (2017), apontam uma interessante relação entre a monotongação do ditongo /ej/ e a linguagem escrita. De acordo com essas estudiosas, a tendência para o fenômeno em estudo é a de que:

[...] quanto menos tempo o falante passar no ensino formal de língua materna, menos contato ele terá com a prática de escrita. Consequentemente, acreditamos que esses sujeitos tendem a favorecer o uso da monotongação, ao contrário dos falantes que possuem mais escolaridade, tendo em vista que estes podem ter estabelecido maiores contatos com a prática da linguagem escrita (ARAÚJO; PEREIRA; ALMEIDA, 2017, p.273).

Na verdade, a explicação dada por Araújo, Pereira e Almeida (2017) está amparada na ideia de Bittencourt (2012, p. 01), para quem “no sistema ortográfico do português há muitos ditongos, ou melhor, vocábulos grafados com ditongos, mas que, na realidade, na fala de muitos falantes do português do Brasil (PB), eles não são inteiramente pronunciados”.

Além dessas ideias, acreditávamos que os falantes com menos anos de escolarização beneficiariam a monotongação de /ej/ porque, conforme já nos referimos antes, essa variante é tida como não padrão e, no rol dos estudos sociolinguísticos, sabemos que há uma longa tradição que aponta o predomínio de formas não padrão no comportamento de falantes menos escolarizados.

Essa ideia, por sua vez, vem sendo testada e, frequentemente confirmada, desde os estudos pioneiros de Labov (2008), em Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, e em três lojas de departamento de Nova Iorque. Os fenômenos investigados foram 'a pronúncia da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/' e 'a realização do /r/ pós-vocálico', respectivamente. Como resultados, Labov (2008) observou, em linhas gerais, os informantes com nível de escolaridade mais baixo tendem a usar, com maior frequência, as variantes não padronizadas e, em alguns casos, estigmatizadas. Por outro lado, as formas padronizadas e, geralmente, bem avaliadas socialmente, tendem a ser favorecidas pelos falantes com maior escolarização. Desde então, a relação entre escola e o uso de variantes padrão e/ou não padrão vem sendo frequentemente explorada.

Considerações finais

Com base em uma, até então, inédita amostra de fala, observamos a variação na monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza. O fato de termos explorado uma variedade de fala não estudada anteriormente, confere maior relevância à este artigo com o qual esperamos acrescentar mais uma importante peça ao mapeamento sociolinguístico do português brasileiro que vem sendo realizado há pouco mais de seis décadas em nosso país.

Como objetivos maiores, buscamos observar qual a variante mais produtiva em nossa amostra, bem como os fatores linguísticos e/ou extralinguísticos estariam condicionando tal variante no universo desta pesquisa. Para o primeiro objetivo, verificamos que a variante na qual temos a monotongação de /ej/ é mais produtiva em nossa amostra - compreendendo 68% dos dados - em relação à variante na qual não há monotongação, com 32% das ocorrências.

No que concerne ao segundo objetivo deste trabalho, verificamos que, do ponto de vista linguístico, a monotongação do ditongo /ej/ é favorecida pela *classe de palavras* (nomes), pela *extensão do vocábulo* (dissílabos) e pela *tonicidade da sílaba* (tônicas). Já do ponto de vista social/extralinguístico, descobrimos que, na amostra deste trabalho, a monotongação de /ej/ é condicionada pela *escolaridade* (falantes com 0-4 anos de escolarização).

Esses resultados indicam, portanto, que na variedade de fala de Fortaleza representada pela amostra desta pesquisa, as variantes com e sem supressão da semivogal no ditongo /ej/ coexistem de modo significativo. Sendo a forma monotongada beneficiada tanto por fatores de ordem linguística como social. Além disso, não verificamos sinais de mudança em curso, fato que nos leva a reconhecer que o fenômeno estudado aqui trata-se de um fenômeno de variação estável.

Referências

ARAÚJO, A. A. de. *A monotongação na norma culta de Fortaleza*. 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2000.

_____. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: *Anais... CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA*, 15, 2011, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v. XV, n. 5, t. 1. p. 835-845. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 10 jul. 2017.

_____. PEREIRA; M. L. de. S.; ALMEIDA, B. K. de. Uma fotografia variacionista da monotongação do ditongo [ej] nos dados do projeto Atlas linguístico do Brasil. *Miguilim* – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 6, n. 2, p. 265-284, 2017. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1367>. Acesso em: 26 Dez 2017.

ARAÚJO, M. F. R. de. *A alternância /ei/ e /e/ no português falado na cidade de Caxias, MA*. 1999. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, SP, 1999. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000224337>. Acesso em: 22 Ago. 2017.

BITTENCOURT, D. L. R. de. A ‘monotongação’ na fala de informantes de Florianópolis do Projeto ALiB. In: *Anais... VI COLÓQUIO INTERNACIONAL ‘EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE’*. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_12/PDF/18.pdf>. Acesso em: 12 Ago. 2017.

CABREIRA, S. H. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras (Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1996.

CAMACHO, R. G. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo-SP, Parábola, 2013.

CÂMARA J., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 26. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1997.

CARVALHO, S. C. de. *Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais na fala de Recife*. 2007. 104f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, PE, 2007.

COELHO, I. L.; NAUMANN, I. M. L. A supressão do [y] no ditongo decrescente [ey] / monotongação. In: *Anais... ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA e ENSINO I*, Maceió, 1994, p. 211-16.

CYSNE, M. R. P. *A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza*. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – CE. 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marcus%20Portela.pdf>. Acesso em: 28 Nov. 2017.

- FARIAS, A. de. *História da sociedade cearense*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 2004.
- FARIAS, M. A.; OLIVEIRA, M. B. de. Variação fonética dos ditongos [ej] e [ow] no nordeste do Pará. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 9, n. 27, p. 188-199, 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/27.html>>. Acesso em: 09 Set. 2017.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP: Editora Parábola, 2008.
- LOPES, R. *A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA*. 2002. 97f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002. Disponível em: www.ufpa.br/alipa/teses_mestrado/tese_raquel.pdf. Acesso em: 26 Dez. 2017.
- LUCCHESI, D. Introdução. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p.9-11.
- MENEGHINI, F. M. *O fenômeno da monotongação em Ibiacá*. 1983. 87f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Alegre, RS, 1983.
- MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística v.3: fundamentos epistemológicos*, 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011. p. 311-351.
- PAIVA, M. da C. A. de. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 219-236.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 28 Maio 2017.
- SILVA, F. de S. O processo de monotongação em João Pessoa. In HORA, D. da. *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: CNPq/ILAPEC/VALPB, 2004. p.29 – 44.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- TOLEDO, E. E. *A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre*. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/39409>. Acesso em: 15 Out. 2017.
- VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F.; GOMES, D. K. A expressão fonética de terceira pessoa do plural no português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência
Revista de Letras Norte@mentos
Estudos Linguísticos, Sinop, v. 12, n. 29, p. 34-53, jul./dez. 2019.

fônica. In: VIEIRA, S. R. (Org.) *A concordância verbal em variedades do português*. Rio de Janeiro Vermelho Marinho, 2015, p. 104-147.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2006.

THE MONOTONGATION OF THE DIPHTHONG [ej] IN THE POPULAR SPEECH OF FORTALEZA - CE

ABSTRACT

From a sample of spoken language composed by 54 informants of the NORPOFOR Project, we approached the monotongation of the diphthong / ej / in the Fortaleza - CE. We try to observe which linguistic and /or extralinguistics factors condition monotongation. As a theoretical-methodological contribution, we adopted Variationist Sociolinguistics. We verified that, in a total of 1,491 data, 1,020 (68%) favored the monotongation of / ej /, while 471 (32%) maintained the diphthong. Moreover, the results indicate that the monotongation of / ej / is favored, in this order of importance, by linguistic and social factors: class of words (names), extension of the word (dissyllables), tonicity (tonic) 4 years).

Keywords: Monotongation, variationist sociolinguistics, speeche of Fortaleza.

Recebido em 23/04/2018

Aprovado em 09/06/2018